

CRÓNICA XI - ABORÍGENES - PARTE

I

1. ANTES (DE TODOS) ESTAVAM CÁ OS ABORÍGENES



Daremos hoje início a uma série de crónicas destinadas a esclarecer os leitores sobre um fenómeno humano que vem sendo esquecido e obliterado das páginas dos jornais e revistas culturais, talvez por sentimentos de culpa e desideratos de obliteração.

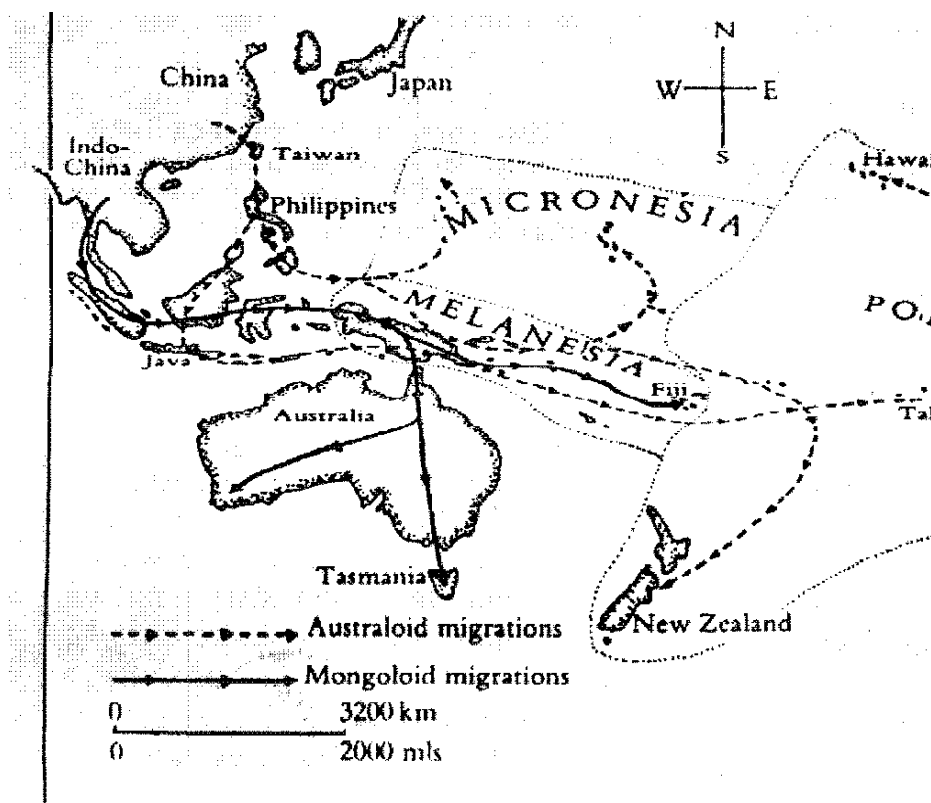
Sem querermos entrar em discursividades polémicas, iremos tentar lançar um pouco de luz sobre aquilo que consideramos ser um ato consciente e deliberado dos meios de comunicação social: a ostracização da cultura aborígene.

Focamos aspetos históricos importantes para o entendimento das problemáticas aborígenes, dando exemplos de acontecimentos célebres na História Branca da Austrália, citando avanços e recuos da política oficial face a um problema que, ainda hoje, está bem longe de ser resolvido. Enfim, tentaremos dar a conhecer as faces distintas do problema.

11.1. IGNORÂNCIA, ÁLCOOL, DEUS E AS BOAS INTENÇÕES

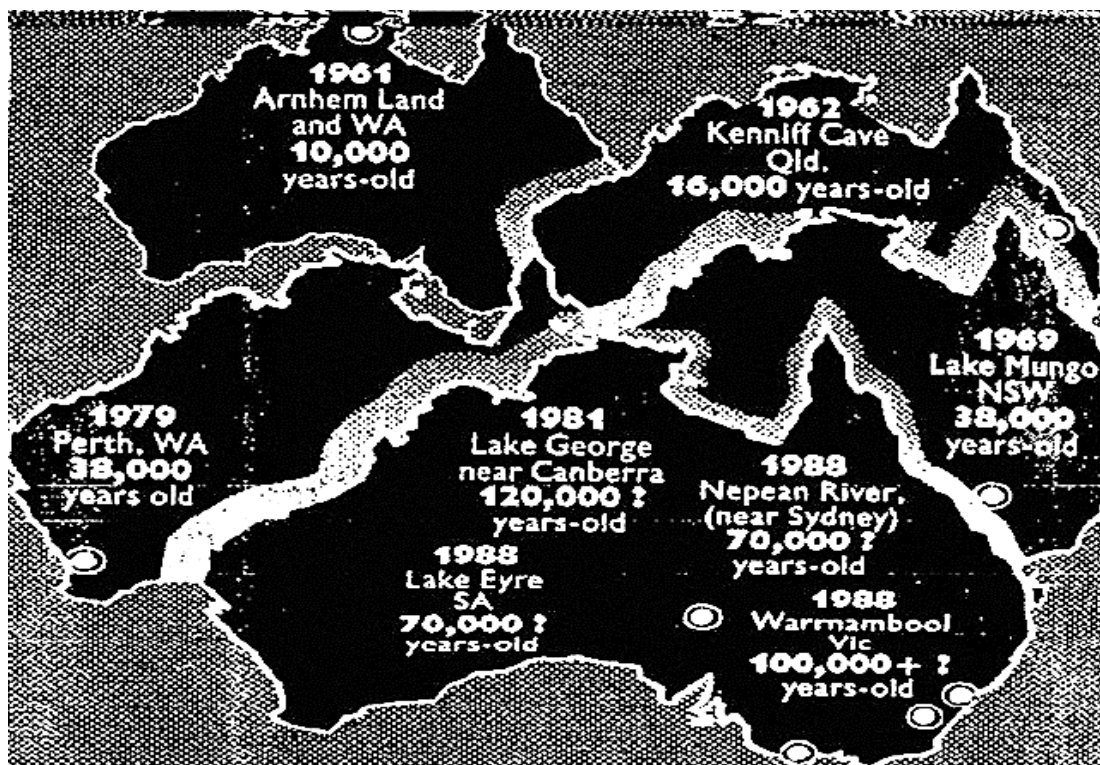
Os primeiros contactos entre os aborígenes e os Brancos Europeus alteraram de forma dramática a estrutura social e económica da comunidade aborígene, a qual tem sido sistematicamente destruída desde então, pouco sobrevivendo hoje da original estrutura. Desde que a 1ª Armada chegou, em 1788, muitas pessoas se interessaram em observar e estudar as atividades, estilos de vida e línguas, das várias tribos aborígenes, em especial, nas áreas de Sidney e restante NSW (Estado de Nova Gales do Sul).

O estudo antropológico permitiu criar uma imagem de como eram e viviam os aborígenes antes da chegada dos brancos, e, a pesquisa arqueológica deu-nos uma visão da sua vida nos últimos 40 a 80 mil anos. Se bem que tais estudos tenham sido apurados, extensos e diversificados, eles não influíram de forma notável para reduzir o fosso existente entre os aborígenes e as restantes etnias populacionais deste continente.



Quando o governador Phillip chegou com a sua 1ª Armada (ver crônicas I a VIII), as suas instruções eram de tratar bem toda a população autóctone e punir qualquer membro da sua esquadra que não o fizesse.

No entanto, menos de 20 anos após a sua chegada, todos os nativos eram já tidos como pestes, e, portanto, a exterminar. Assim, em 1796, o então Governador Hunter ordena aos colonos que se organizem em grupos armados contra os aborígenes.



Embora, a nível legal, fosse proibido o assassinato ou homicídio dos nativos, raramente se utilizou a letra da lei contra um colono branco. Em 1838, 7 colonos foram acusados e condenados pela morte de uma criança aborígene, mas a pena de morte não lhes foi imposta por ser considerada demasiado pesada para condenar apenas a morte de um nativo.

Dado que a nível da mão de obra a utilização dos aborígenes era desnecessária, devido ao elevado número de condenados e degredados transferidos para a Austrália, e dado que as vastas obras de expansão para o interior e zonas mais remotas se processavam a um ritmo rápido, os aborígenes foram sendo, cada vez mais, tidos como um obstáculo ao progresso da colónia.

Quanto mais expansão branca se verificava, maior era o atrito entre as duas comunidades. Os europeus eram incapazes de entender a ligação dos nativos à terra. Ao chegarem não viram nem vedações nem postes, marcos ou outros sinais óbvios de culturas agrícolas, sentindo, pois como sua obrigação de *povos civilizados* tornar a terra produtiva. Por outro lado, se a ocupação e cultivo das terras nada significava para os locais, a terra representava não só o meio de subsistência para os seus como a sua própria habitação. Retirar-lha era um corte profundo, como que

a remoção da sua cultura ancestral. Para os europeus a terra era dada, doada, vendida, e não propriedade eterna e permanente como para as gentes nativas. A terra possuía as gentes e não o reverso. A falta de compreensão e tolerância mútuas estiveram, desde o início, na fonte dos conflitos.



O ÁLCOOL EMBRUTECIA, A FOME GRASSAVA E O BRANCO ENGORDAVA

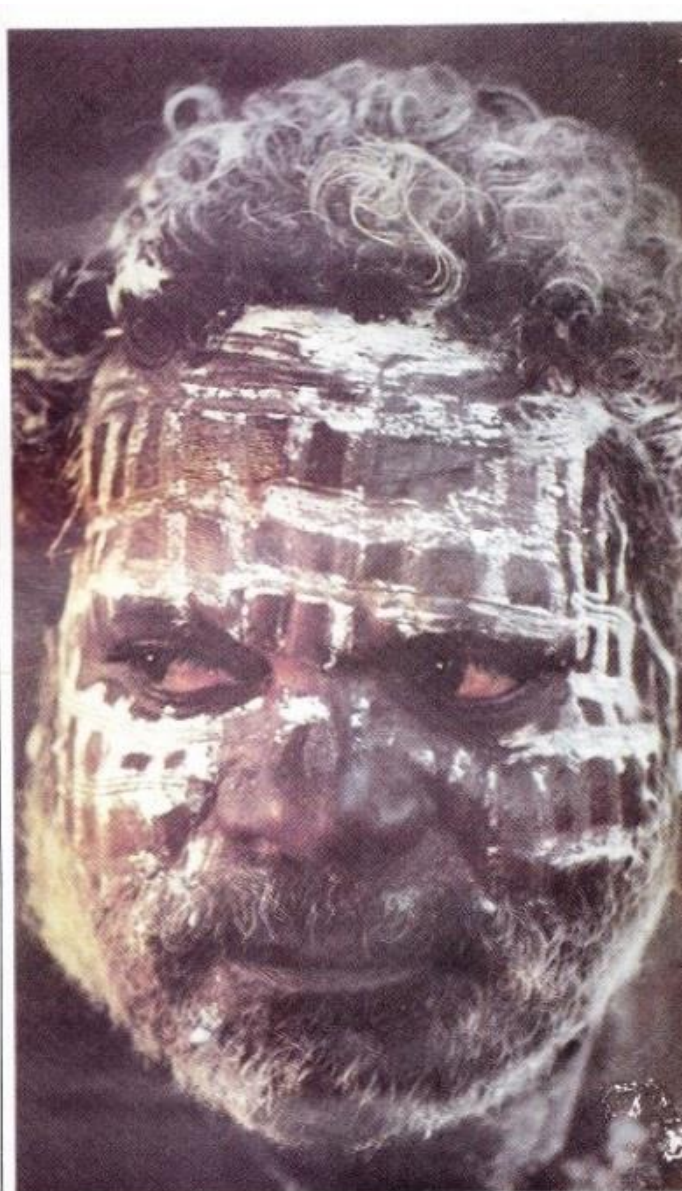




Os efeitos económicos da alienação das terras, depressa se fez sentir pois impedia os aborígenes de caçar, pescar e viver nas zonas suas conhecidas ancestralmente. Muitos outros eram, porém, mortos pelas balas dos colonos, pelas doenças por estes trazidas ou pela farinha envenenada que estes lhes vendiam. Rapidamente foram sendo empurrados para as franjas urbanas e para zonas aborígenes ainda não afetadas pelo expansionismo europeu. Os colonos ao despojarem os aborígenes das suas terras estavam – sem o saberem – a destruir a estrutura da sociedade local, a privá-la de se manter e preservar para gerações futuras.

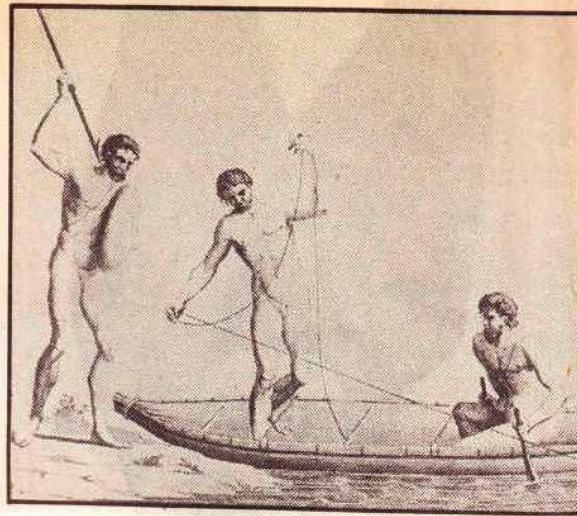
No aspeto sexual, a miscigenação entre grupos e tribos distintas ocorria para resolver conflitos ou guerras tribais, e para firmar uniões tribais. Este facto, observado pelos europeus, era considerado promíscuo e amoral, pelo que passou a ser vulgar a utilização de mulheres aborígenes para fins de prostituição e utilização meramente sexual pelos brancos que detinham uma população feminina minoritária. Com a destruição dos padrões de vida tradicionais os nativos deixavam de ter a sua *raison d'être*, pelo que com a facilidade de introdução do álcool nos seus hábitos, este rapidamente se tornou numa fácil válvula de escape.

Sob a influência desta droga, à qual os seus organismos eram alérgicos, os mais novos que ainda não haviam sido iniciados nos rituais tradicionais tribais, começaram a tornar-se rebeldes e a contestar o poder dos líderes mais idosos, pelo que entendiam ser a falta de poder de oposição aos brancos. As doenças, as péssimas condições de vida num meio hostil e estranho, onde os seus antepassados há dezenas de milhares de anos, aliados ao álcool cedo se manifestaram como razões para o declínio da sociedade aborígene.

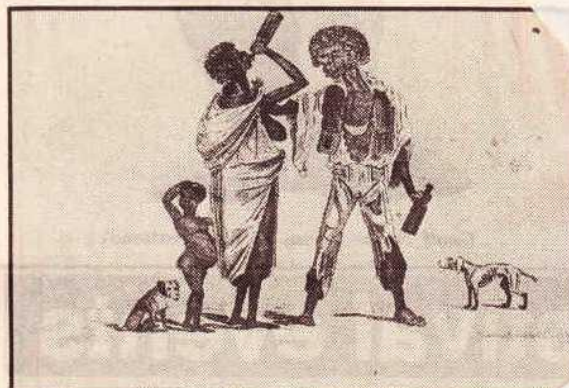


Os mais jovens nasciam e viviam num clima de dependência económica, de alcoolismo e de inferioridade social. Simultaneamente, começaram a assumir importância, os jovens mestiços, não aceites pelos brancos como prova da sua amoralidade, nem pelos aborígenes, incapazes de se auto-observarem numa fase de mudança e de quebra de tradições. Nem todo o dano causado aos aborígenes era, porém, fruto da animosidade, crueldade deliberada ou negligência, muito era causado por atos bem-intencionados, mas mal dirigidos.

Inicialmente os Aborígenes foram retratados idealisticamente como 'nobre selvagens'



Cerca de 1830, os Aborígenes passaram a ser vistos como párias, vivendo na maior miséria física, moral, social e econômica, nas franjas suburbanas das cidades europeias da Austrália, como a litografia anônima aqui os retrata.



Alguns governadores tentaram criar instituições políticas e de autoridade, semelhantes às dos europeus. Um exemplo foi o do governador Lachlan Macquarie, que, em 1815, criou um estatuto de chefes tribais (ou reis) para os líderes das comunidades aborígenes. Simultaneamente, intensificaram-se os esforços de cristianização dos nativos, que, pura e simplesmente se resumiram num falhanço, com os missionários na sua obstinada tentativa de alterar o *modus vivendi* local, e a tentarem convencer os aborígenes a seguirem os exemplos da *vida civilizada* sob a palavra divina, mas incapazes de perceber que os locais não reconheciam nada de *válido ou superior* que fosse benéfico para eles, caso adotassem, copiassem e adaptassem os estilos de vida europeia.

Se, para os missionários, o trabalho e a acumulação de riqueza (propriedade privada) eram a base da sua crença, para os aborígenes o trabalho deveria apenas ser feito para a satisfação das necessidades mediatas, e a propriedade era uma coisa comunitária a partilhar por todos. Os missionários, por outro lado, não estavam

preparados para entender a ligação do nativo à terra, os seus costumeiros rituais de iniciação, os quais não passavam de rituais pagãos a eliminar.

Este facto viria a assumir uma criminosa decisão, por parte das autoridades, civis e religiosas: a de retirar as crianças do seio das suas comunidades ancestrais, aborígenes e pagãs, incapazes de redenção, salvando-as assim ao retirá-las para o ambiente esterilizado das missões cristãs ou para os trabalhos domésticos em casa de europeus. Afastadas das suas tribos, as crianças perdiam o elo de ligação com as tribos, costumes, idiomas e leis tradicionais.

Simultaneamente aprendiam uma língua estrangeira: a dos invasores e colonizadores, destruidores das suas línguas, seus costumes e leis, adquirindo um novo *status* social de cidadãos de 2ª classe.

As primeiras cinco décadas de colonização europeia (1788-1838) destruíram, de facto, a sociedade aborígene tradicional neste Estado de Nova Gales do Sul. Se, para alguns, a extinção foi lenta e aceite com um suspiro de alívio, havia obrigações morais de lhes proporcionar (aos que sobrevivessem) uma vida tão confortável quanto possível, o que misericordiosamente era conseguido com a atribuição anual de cobertores, rações de farinha (quando esta não era propositadamente envenenada), açúcar, chá e a possibilidade de vida nas áreas adjacentes às cidades e vilas de cariz europeu.

Se, de uma forma geral, a destruição cultural local estava praticamente conseguida, em especial nas áreas dos rituais de iniciação, económica, social, certo é que, o sentido de cooperação e interajuda comunitária e as noções de partilhas de bens se mantiveram. Os mitos e os locais sagrados, para além dos idiomas tradicionais foram mantidos até aos dias de hoje, havendo ainda alguns que são capazes de utilizar instrumentos e ferramentas tradicionais.

Se bem que, 200 anos se tenham completado em 1988, com grande fanfarra no bicentenário da Austrália, certo é que, para alguns aborígenes, estes pequenos elos de ligação ao passado são, hoje, mais do que nunca, a *raison d'être* da sua própria identidade e autorrespeito.

Por outro lado, assiste-se hoje, em dia, a um revivalismo ativista, capaz de poder proporcionar às novas gerações o contacto com a cultura tradicional que se pensava perdida e até mesmo extinta. Foi no início da década de 80 que os turistas ávidos descobriram a arte aborígene e as suas pinturas únicas e esquisitas, catapultando esta arte para a frente das manifestações de vanguarda, elevando a somas astronómicas o valor de qualquer quadro ou pintura tradicional, mesmo recente.

Foram estes novos colonos brancos da Norte América e do Japão que deram nova vida e fizeram nascer em tribos quase moribundas a arte há muito esquecida ou relegada, de pintar. Os nativos, desta vez, porém, souberam aproveitar-se destes novos brancos fazendo-os pagar a preço de ouro, nas galerias que eles mesmo gerem e administram, beneficiando com os lucros os seus irmãos de raça, para que estes recuperem a voz que durante mais de dois séculos se não fez ouvir.¹

¹ Crónica originalmente publicada na revista *Nam Van*, #12, Macau, 1 de maio de 1985.

Bibliografia: "The Aborigines of New South Wales", *Parks and Wildlife* vol. 2, #5, textos de Christine Haigh.



Colaboração de Aboriginal Resource Centre, Chippendale, Sidney, e de James Williams 'Aboriginal Vocational Officer' Serviço Federal de Emprego 'CES'.



CRÓNICA XI – ABORÍGENES - PARTE 2 - OS ABORÍGENES DE NOVA GALES DO SUL²



² Crónica originalmente publicada na revista Nam Van, #14, Macau, 1 de julho de 1985.

Bibliografia:

1. Christine Haigh, "The Aborigines of New South Wales", Parks and Wildlife") vol. 2, #5.
2. Gillian Cowlish, Deptº de Antropologia da Universidade de Sidney.

Continuamos, hoje, com a série de crónicas sobre os aborígenes, destinadas a esclarecer os leitores sobre um fenómeno humano que vem sendo esquecido e obliterado das páginas dos jornais e revistas culturais, talvez por sentimentos de culpa e desideratos de obliteração.



11.2. O MEIO AMBIENTE E VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS

Os sistemas tribais de Nova Gales do Sul não são facilmente explicáveis, dado que a sua organização começou a ser desmantelada em termos práticos com a chegada dos primeiros colonos europeus.

Nalguns casos as próprias tribos não tinham uma identidade nominal, antes se considerando *NÓS* para se distinguirem dos outros *ELES*.

Alguns destes nomes estão relacionados com grupos localmente estabelecidos, outros dizem respeito a subgrupos, clãs, nações aliadas, tais como os **Yuwin**, da Costa Sul (compostos pelos **Dhawa**, **Dhurga**, **Guyanga**, **Walbanga** e **Wandian**), os **Gamilaroi** e os **Wiradhuri**. Alguns destes grupos falavam uma linguagem comum, pelo que é provável ter existido uma qualquer forma de Federação entre eles.

Qualquer mapa da época que se consulte dá apenas indicação dos grupos, tribos, nações, sob um ponto de vista linguístico e social.

As suas delimitações são controversas e baseiam-se em locais totémicos onde se realizavam as iniciações dos jovens. A dificuldade em standardizar nomes deve-se sobretudo ao facto de nenhuma língua aborígene ter forma escrita tradicional.

Inicialmente existiam cerca de 600 idiomas falados por umas 300 mil pessoas, o que dá uma média de um dialeto por cada grupo de 500 pessoas, aquando do desembarque da 1ª Armada em 1788. Atendendo a que muitas dezenas de tribos foram dizimadas e considerando a falta de uma linguagem escrita, poucos foram os

3. Gretchen Pioner, Dept^o de Antropologia da Universidade de Sidney.

4. Helen Clemens, Conservadora do NPWS (Serviços de Parques, Reservas e Vida Animal);

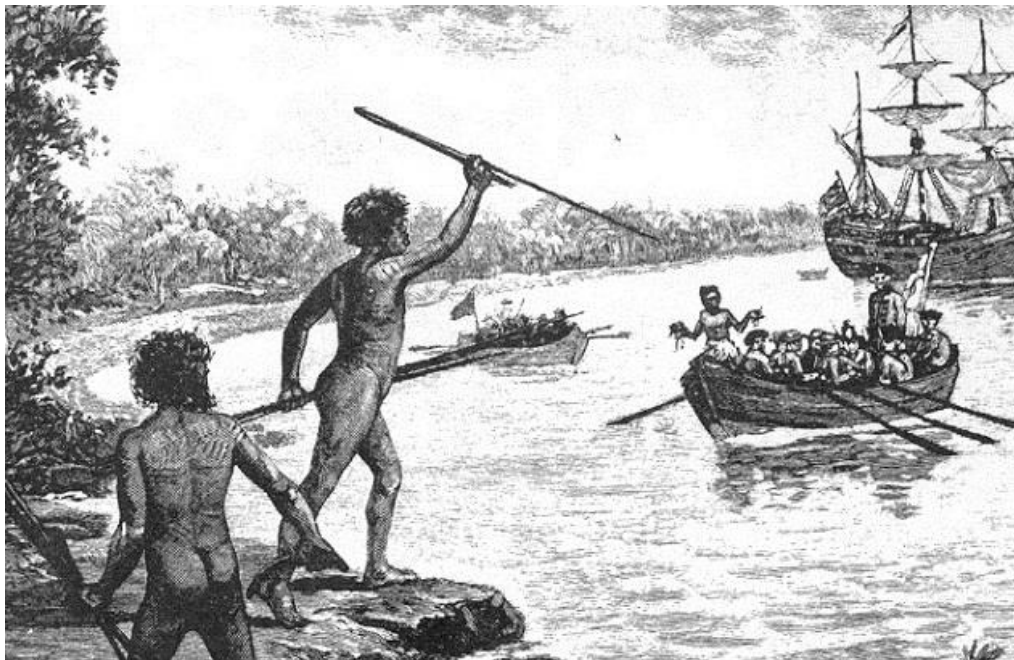
5. Howard Creamer, Research Officer, Aboriginal Sites Survey Team, NPWS (Serviços Nacionais de Parques, Reservas e Vida Animal).

6. Colaboração de Aboriginal Resource Centre, Chippendale, Sidney, e de James Williams 'Aboriginal Vocational Officer' Serviço Federal de Emprego CES de Newtown.

registos originais preservados, embora desde o início da década de 80 um grande trabalho se tenha feito em termos de recuperação da cultura e línguas aborígenes.

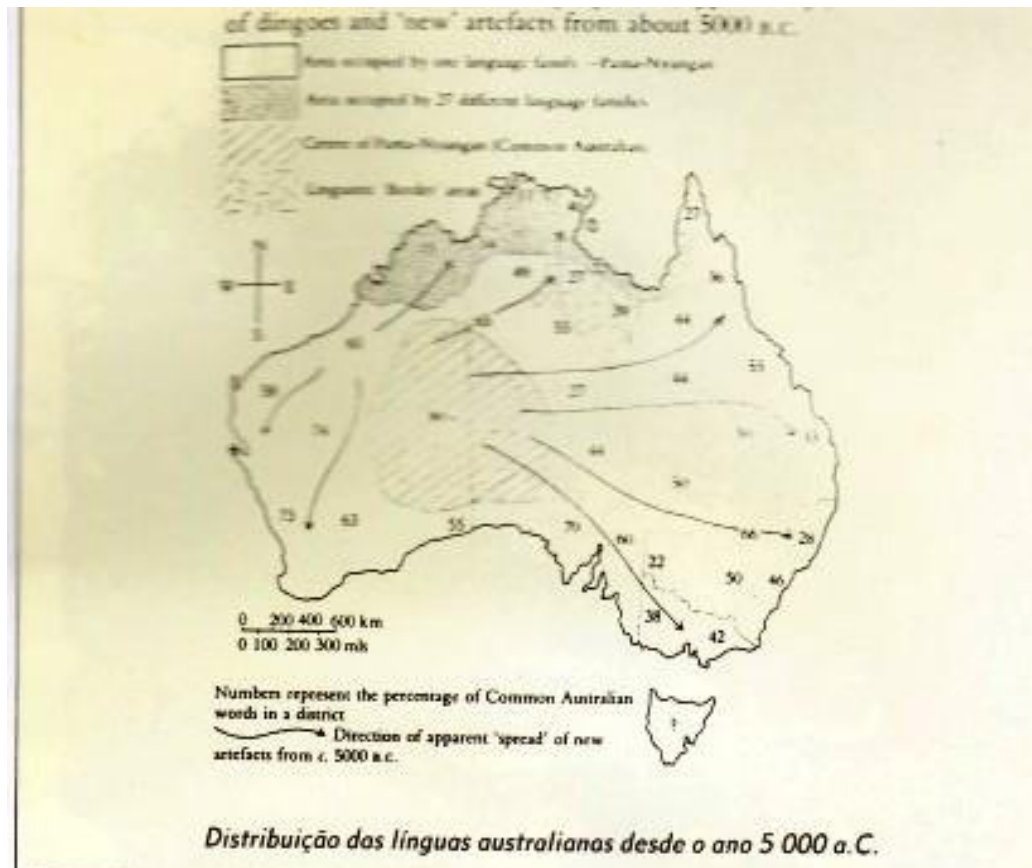
Nas regiões costeiras de Nova Gales do Sul os aborígenes viviam sobretudo de recursos marinhos e fluviais bem como de atividades venatórias.

O conhecimento que até nós chegou dos seus hábitos baseia-se sobretudo em diários da época (com todas as deficiências inerentes aos dados recolhidos por exploradores e missionários) e em descobertas arqueológicas, sendo estas na sua maioria relativas a depósitos de conchas nas zonas marinhas. Estes depósitos onde se encontram vestígios piscatórios e ossos de animais eram depositários de restos de refeições aborígenes, as quais eram sempre enterradas na areia. Nalguns locais os artefactos encontrados datam de há mais de 20 mil anos. Geralmente os homens dedicavam-se à pesca e à caça e as mulheres concentravam-se na recolha de mariscos.

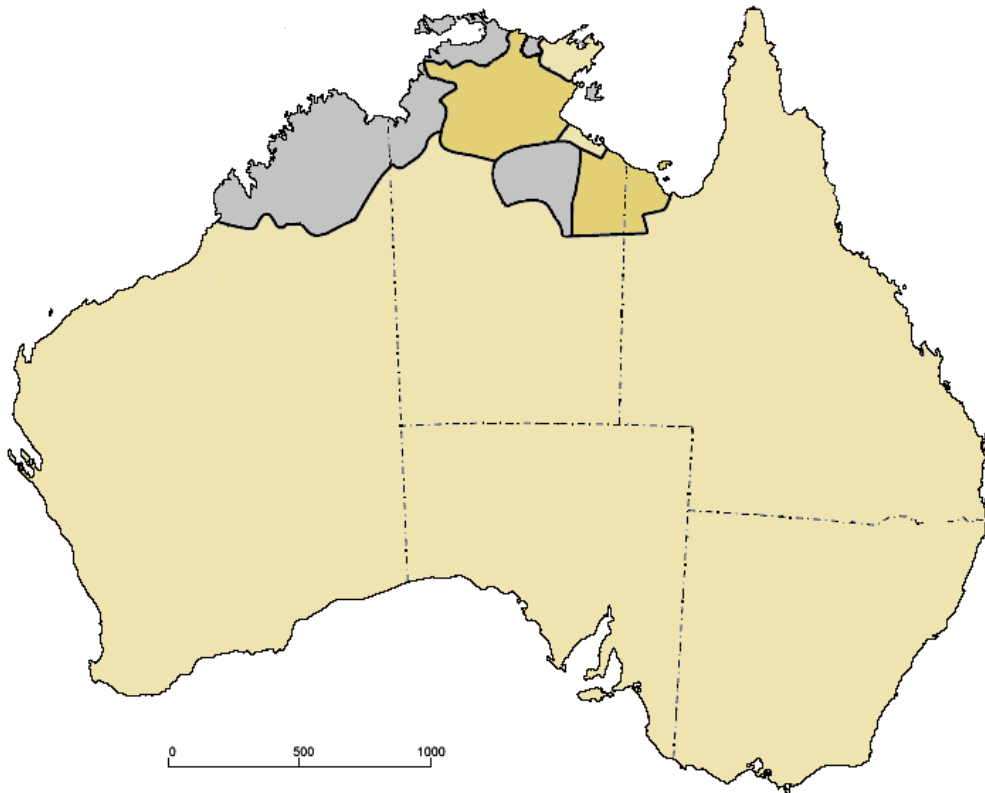




O ENCONTRO DO BRANCO COM O NATIVO



A DIVISÃO TIPOLOGICA PRIMÁRIA DAS LÍNGUAS NATIVAS AUSTRALIANAS: PAMA – NYUNGAN (COR DE PELE) E NÃO-PAMA–NYUNGAN (COR MOSTARDA E CINZENTO). AS LÍNGUAS NA COR MOSTARDA PODEM ESTAR RELACIONADAS COM AS LÍNGUAS PAMA – NYUNGAN.



CANDIDATOS AO DIPLOMA DE INTÉRPRETE EM DARWIN, NT

11.3. CERIMÓNIAS TRADICIONAIS

Para os colonizadores europeus os aborígenes pareciam ser ateus ou animistas, dado não existirem nem templos nem manifestações de preces ou invocações divinas, mas, de facto, a religião era uma parte de suas vidas embora não distinta de outras atividades quotidianas e assumia normalmente a forma de propagação de mitos, expressando os feitos espirituais dos ancestrais.

Estes mitos eram manifestados de forma social e económica, baseando-se numa distinção entre o bem e o mal, assumindo enorme peso a sua relação com o meio físico ambiente. A propagação destes mitos era feita durante as cerimónias de iniciação dos jovens, as quais se desenrolavam ao longo de vários dias e congregavam vasto número de membros de cada comunidade. A participação nestas cerimónias estava interdita a mulheres, embora a presença destas e de crianças fosse permitida nalguns casos.



<http://www.barunqafestival.com.au/history.html>



Os jovens a iniciar tinham de passar por períodos de preparação, isolados no mato e deviam submeter-se a certas atividades físicas.

Os locais sagrados de iniciação, nalgumas zonas, assumem importância através da configuração de certas rochas ou montes, enquanto noutras se manifestam através de motivos inscritos nas árvores.

Para os rituais da morte, várias eram as formas preferidas, desde a instalação de corpos em caves; à sua colocação em árvores ou até mesmo canoas que eram lançadas às águas, mas sempre depois de uma primeira fase em que o corpo era preparado temporariamente para ficar desprovido de carne. Noutros casos, encontram-se vestígios de atividades crematórias.



POSTES PUKAMANI (CERIMONIAL DE ENTERRO) DO POVO TIWI NO TERRITÓRIO NORTE

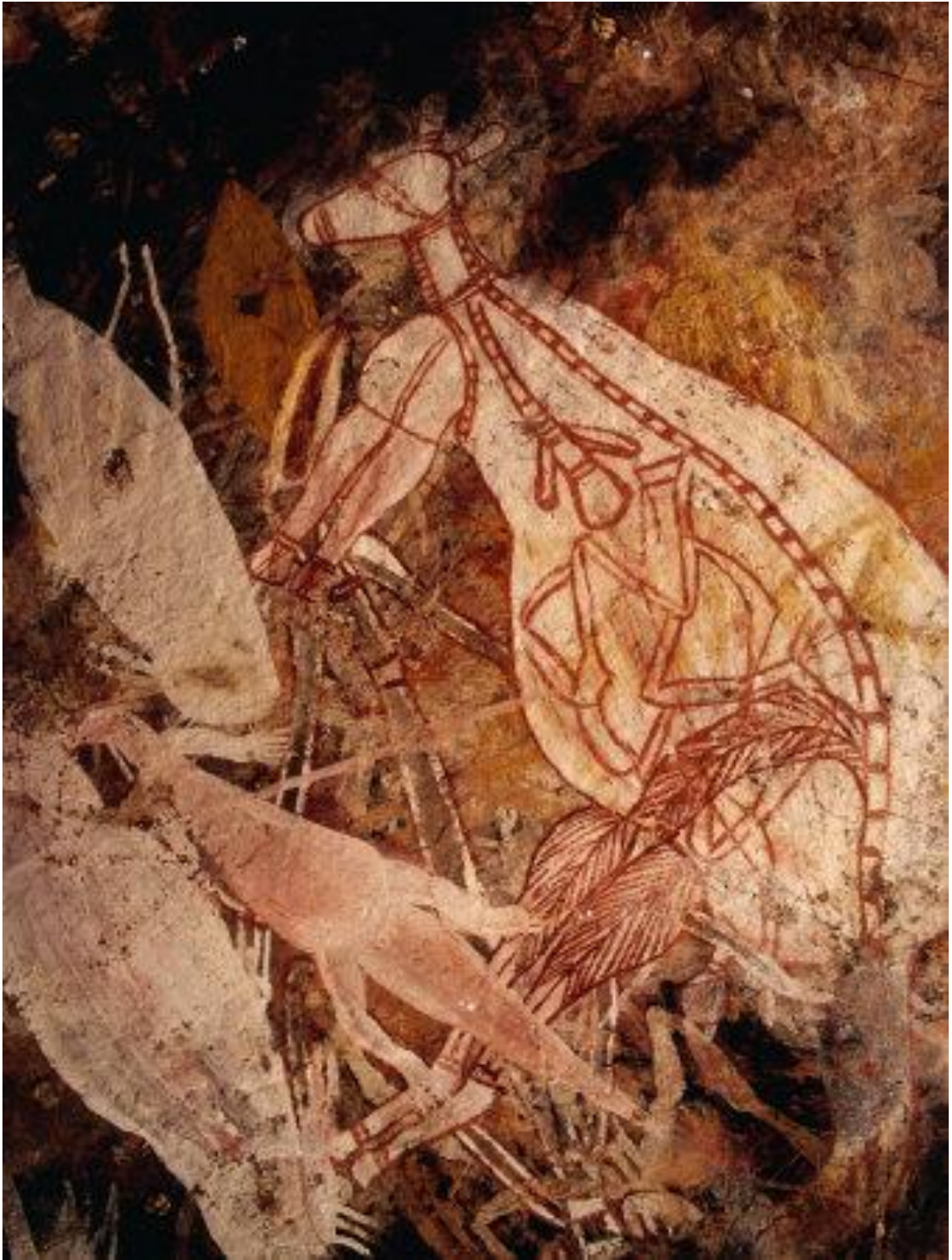
11.4. A ARTE

A arte aborígene é ainda hoje bem visível apesar do caráter transitório dos meios de que se serviam para expressá-la: árvores (e cascas destas), rochas (e pinturas esculpidas nelas) e pintura de corpos para rituais.

Nalguns casos utilizava-se o carvão e o ocre apigmentado e colorido para dar vida aos trabalhos.

A Arte é bem diversa de região para região, embora os meios de que se servissem fossem basicamente os mesmos. Os temas utilizados eram de uma forma geral animais (peixes e pássaros) e figuras antropomórficas, de motivos figurativos, simples de estruturas lineares.











Australian Aboriginal Art

The art of the Alligator Rivers
region, Northern Territory

Robert Edwards



11.5. HABITAÇÃO E FERRAMENTAS



Os abrigos nas rochas ou em grutas e palhotas rudimentares de madeira de carvalho (Bark tree) constituíam a base dos seus habitats, os quais se destinavam a protegê-los dos elementos, nomeadamente as intensas chuvas que se verificam nesta região da Austrália.

Os instrumentos utilizados eram provenientes de fibras vegetais, peles, pedra, e madeira, enquanto os adornos eram conchas, cana-de-açúcar, dentes de animais e pequenos feijões.

Apesar da abundância de água encontram-se vestígios de pequenos poços artesanais, e uma espécie de aquedutos construídos em folhas de palmeira. Para a pesca e caça eram utilizadas lanças de ponta de osso ou concha.

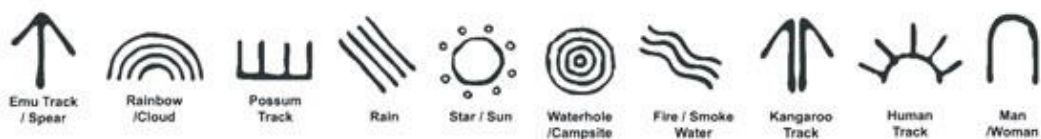
As mulheres pescavam pequenos peixes, moluscos e mariscos com uma isca e à linha (feita de fibra vegetal ou pelo de animais). As canoas, construídas de casca de árvore, não excediam em regra os 5 metros e nelas havia sempre fogo aceso, que se destinava a cozinhar de dia e a aquecer de noite.

11.6. PESCADORES – CAÇADORES, PORQUE NÃO AGRICULTORES?

Quarenta mil anos atrás (60 ou 80 dizem outros) já os aborígenes viviam na Austrália. Como todos os restantes grupos daquela época, viviam dos recursos naturais, fossem eles plantas ou animais.

Nalgumas outras áreas do globo uma certa transição desta fase de caça e pesca para atividades agrícolas e hortícolas foi-se estabelecendo, tendo atingido a sua fase de expansão para distintas regiões da terra há uns dez mil anos, e sendo caracterizadas pela domesticação de animais e por métodos de cultivo.

A teoria até há pouco vigente era de que toda esta transferência de hábitos e costumes, tal como ocorrera na América e na Ásia se havia propalado a diversas outras regiões. Hoje em dia acredita-se que esta fase de transição se possa ter passado de forma diferente e de acordo com unidades temporais distintas. Embora não haja vestígios humanos pré-históricos na Austrália, as opiniões diferem quanto à possibilidade de criação de um regime agrícola no continente até à época Plistocénica.





Emu Track
/ Spear



Rainbow
/ Cloud



Possum
Track



Rain



Star / Sun



Waterhole
/ Campsite



Fire / Smoke
Water



Kangaroo
Track



Human
Track

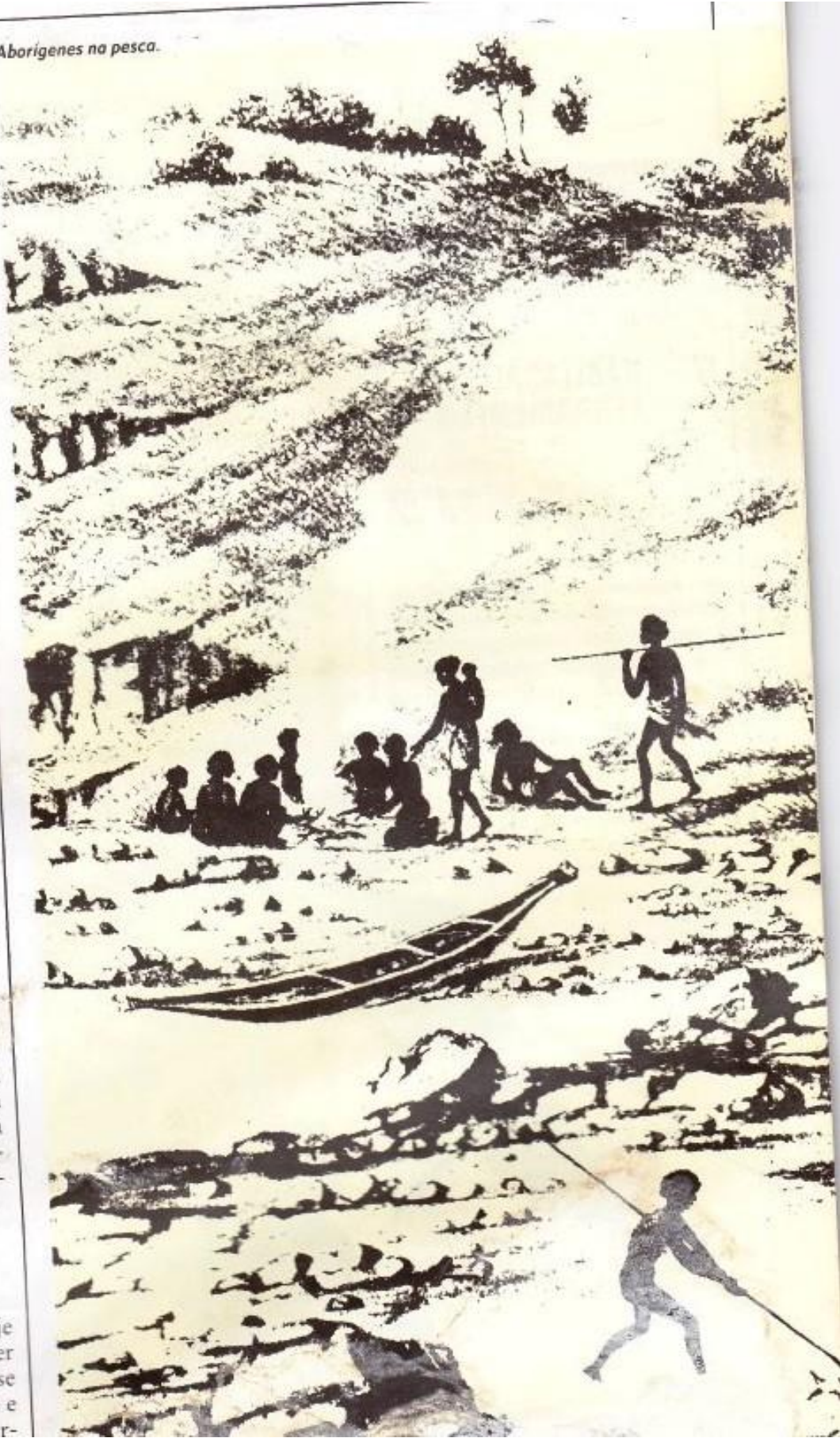


Man
/ Woman

Aborígenes na pesca.

s
-
is
os
o
e.
as
já
de
ti-
de
ão
re-
as.
ção
or-
de
nto
de
'ara
as
ala-
oca-
smo
s às
uma
era
para
vou-
restí-
ias.

hoje
racter
ue se
ores e
e cor-



No entanto, o norte do continente (Península de Iorque e Terra de Arnhem) beneficiava de terras aráveis férteis, de luxuriosa vegetação (florestas tropicais) e nelas se verificou o contacto com agricultores indonésios pelo menos durante 200 anos antes da chegada dos primeiros colonos brancos. Se bem que não se verifiquem vestígios de produção agrícola, inúmeros rituais pertencentes a culturas estranhas à Austrália, registam-se aqui como arpoes de metal, redes de pesca, canoas de árvores escavadas inexistentes no resto do continente.

Para além disto existem vestígios de uma cuidada política de harmonia com a natureza, com a criação de barragens artificiais primitivas, a plantação de sementes, a prática de queimadas para desbastar os matos e atrair animais comestíveis, alguns deles datando de há mais de 15 mil anos.

Por outras palavras, enquanto no passado, os aborígenes têm sido denegridos pelos aspetos primários da sua economia, verifica-se que nalgumas áreas desenvolveram técnicas de agricultura enquanto noutras não as prosseguiram por não verem vantagens em tal.

Os arqueólogos não dominam ainda totalmente as causas de mutações sociais e económicas, tendendo a assumir uma tendência de progresso na senda da caça e pesca até à industrialização.

Para os nativos da Austrália, o tipo de vida era o melhor socioeconomicamente de acordo com o meio ambiente em que viviam e não havia necessidade de o mudarem.

11.7. O PAPEL TRADICIONAL DA MULHER

Para descrevermos o papel da mulher aborígene numa sociedade tradicional teríamos de descrever o quotidiano nómada em que habitavam com todas as limitações de conhecimentos de que dispomos.

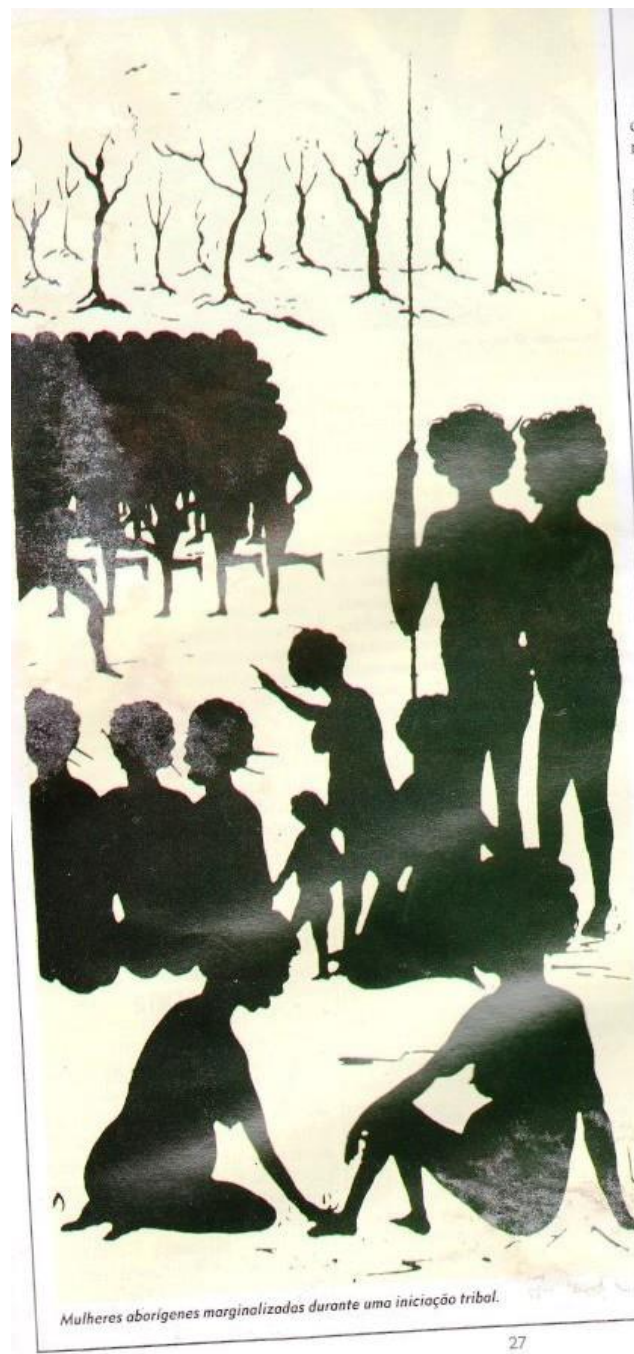
O campo silente com pequenos fogos ateados, o homem dormindo ao lado da (s) sua (s) mulher (es) com os filhos desta (s), sob o improvisado abrigo. Numa das extremidades do campo fica a parte destinada aos homens solteiros e jovens, na extremidade oposta as mulheres solteiras e viúvas.

A luz do dia desponta e lentamente todos se vão levantando, sentando-se em pequenos grupos, com as pernas cruzadas formando círculos em torno do lume, aguardando o nascer do sol. As raparigas e jovens mulheres apanham lenha e água, a comida que há é distribuída, quaisquer factos relacionados com a longa noite dos sonhos são narrados e partilhados por todos. Depois, discutem-se os planos para o dia.

O sol aquece, as mulheres e os homens dividem-se em dois grupos, no campo ficam os velhos e incapacitados. As mulheres partem à procura de lagartos de língua azul, peixe, ou de tartarugas, ensinando às mais jovens como cuidar de ir buscar comida. No princípio da tarde regressam para preparar comida, repartindo esta com aqueles que não podem angariar o seu sustento. A tarde é passada a cozinhar, normalmente assados na brasa, havendo refeições que demoram várias horas pela

preparação dos ingredientes vegetais que acompanhavam, por exemplo, um canguru caçado pelos homens enquanto as mulheres andavam à pesca.

Se os homens só caçavam animais de grande porte, as mulheres concentravam-se mais na recolha de todos os vegetais, répteis e outros pequenos animais que compunham a dieta habitual. Um campo não excedia normalmente as 50 pessoas, apenas se reunindo mais em época de rituais e cerimónias tradicionais, nas quais as mulheres eram relegadas para uma posição secundária dado que só os homens iniciados podiam participar em muitas delas. Nestas ocasiões competia ainda às mulheres, mais do que habitualmente, o proporcionarem e angariarem a alimentação.



Como na maior parte das sociedades (exceto na nossa) as jovens não tinham voto na seleção de marido. Antes do nascimento ou nos primeiros anos de vida, uma jovem era prometida em casamento de acordo com as propostas recebidas e aceites pelos pais da jovem. Antes da puberdade a jovem aprendia a colher alimentos para o seu futuro marido, que, em troca, retribuía parte da sua colheita. Depois da puberdade, as jovens eram normalmente enviadas para os acampamentos dos seus maridos onde se tornavam na 2ª ou 3ª mulher, sem se proceder a qualquer cerimónia. As jovens apanhavam alimentos e o marido untava-as com óleo vegetal para as ajudar a crescer e a atingirem a maturidade.

As mulheres, ao tempo de seu primeiro casamento, eram normalmente muito mais jovens do que os maridos, o que se devia ao facto de os mais velhos serem considerados mais capazes de ternura e paciência para com as jovens. Estas, como muitas vezes enviuvavam, acabavam por selecionar depois um marido mais novo. Na sociedade aborígene o casamento era mais uma questão económica do que outra coisa. Um dos crimes mais graves era a fuga de um casal, pois todas as mulheres eram as mulheres ou as prometidas de algum homem.

Normalmente, a maior parte das disputas dentro de um campo relacionava-se com mulheres, o direito a elas e/ou a suspeita de infidelidade. O parto era uma situação privada a que nenhum homem podia assistir, e em que a mulher acompanhada da mãe e de outra mulher idosa se retirava para fora do campo. Ninguém podia tocar no bebé antes de totalmente nascido.

O período pós-natal era geralmente muito curto, havendo, em média, um intervalo de quatro anos entre cada filho. As crianças cresciam sempre junto da mãe até cerca dos 3 anos, a partir de então podiam outras crianças mais velhas cuidar delas.

Embora tivessem muita liberdade, as crianças eram, desde novas, instruídas nos segredos da vida e seus perigos. A disciplina era imposta através da pressão de grupo, não havendo lugar a punições físicas.

De uma forma geral, como vimos, a mulher era instrumento para a recolha de alimentos, mas aparte este aspeto assumia uma posição secundária e de subserviência, embora mantivesse segredos, entre outros, aspetos relativos à sua sexualidade e feminilidade, os quais se revestiam de rituais próprios.

11.8. A HERANÇA ABORÍGENE, PASSADA E PRESENTE

Antes da chegada dos europeus, a terra proporcionava tudo o que os aborígenes necessitavam, desde a alimentação até uma própria explicação sobre a sua existência no mundo, assim satisfazendo as áreas físicas e espirituais de suas vidas. Embora cada tribo possuísse os direitos territoriais sobre as áreas em que habitava, o sentimento de *posse (propriedade)* de terra era-lhes alheio, antes pelo contrário, eles sentiam que a terra os possuía a eles, aos outros animais e plantas que os rodeavam.

Este fator jamais foi bem interpretado pelos colonos brancos que, pouco a pouco, nos dois séculos após a sua chegada se assenhorearam da terra sem prever as consequências para futuras comunidades aborígenes. Até 1967, os aborígenes não

tinham direito a voto, não podiam ter uma propriedade, receber dinheiro ou mesmo trabalhar formalmente.

Bandeira dos Aborígenes



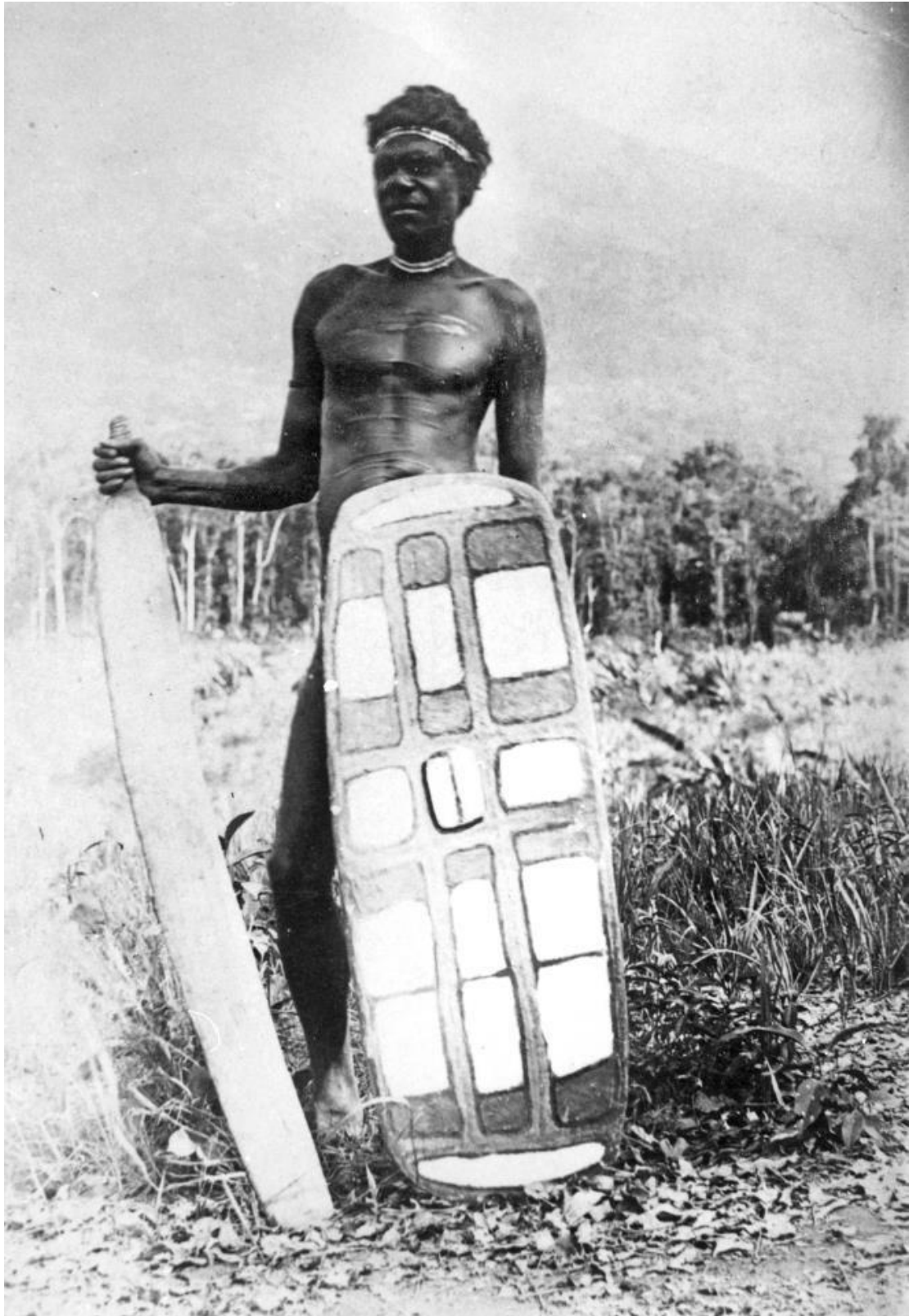
*Bandeira dos
Aborígenes
nativos das ilhas
Torres Strait*



Houve durante tempos desde o contacto que o Capitão Cook teve com os nativos da Nova Holanda, algumas tentativas de fazer o perfil do aborígene como um “*Selvagem Nobre - Noble Savage*”, pessoas simples e boas, mas selvagens que viviam com os animais. Eram considerados mais “*nobres*” que os civilizados pois ainda não tinham sido corrompidos pela civilização.

Cook escreveu em 1770: “Do que vi dos nativos da Nova Holanda podem parecer os mais desgraçados à face da terra, mas, na realidade, são muito mais felizes que nós, europeus, dado que não têm apetência pelo supérfluo, mas apenas pelo que é necessário...pois a Terra e o Mar proporcionam-lhe todas as coisas de que necessitam neste mundo...”

Um conhecido exemplo do Nobre Selvagem é o do guerreiro Ngoongar, de nome Yagan, que surge na história infantil “*The Courteous Savage: Yagan of the Swan River*”.



UM NOBRE DA TRIBO KUKU YALANGI EM 1890

O referendo de 27 de maio de 1967, promovido pelo governo Holt, aprovou emendas à Constituição australiana relativas aos indígenas, que consistiam sobretudo na exclusão de menções na Constituição relativas a aborígenes em todos os Estados para que sejam incluídos na população. Com 90,77% dos votos

favoráveis (5 801 584 votos a favor e 527 007 contra) em todos os seis Estados tais emendas seriam convertidas em lei no mês de agosto desse ano.

Erroneamente cita-se que a cidadania para os aborígenes e o seu direito de voto resultaram deste referendo, mas – na verdade – os aborígenes tornaram-se cidadãos em 1949, quando foi criada uma cidadania australiana em substituição da cidadania britânica. O direito ao voto para os aborígenes surgiria nas eleições da Commonwealth para os aborígenes da Queenslândia em 1965 e da Austrália Ocidental em 1962, embora já constasse como direito na Constituição de 1949.

Antes do referendo era vulgar considerar que os aborígenes australianos não eram contados como pessoas, mas estavam sujeitos à Lei da Flora e da Fauna, lei essa que nunca existiu com esse nome, mas o que se passava era que a maior parte dos Estados geria os assuntos aborígenes através dos departamentos que cuidava da fauna e da flora, dado considerarem-nos sub-humanos e parte do mundo da natureza. Na Austrália Ocidental eram regulados pelo Departamento de aborígenes e Pescas entre 1909 e 1920 e em Nova Gales do Sul pelo Departamento de Parques Naturais.

Recorde-se que em 1894 sete aborígenes foram retirados de Palm Island e levados “*em circo*” ao Palácio de Cristal em Londres pelo empresário Robert A. Cunningham, sendo exibidos por toda a Europa e América...



OS NOMES DOS 7: JENNY, O FILHO TOBY, O MARIDO TOBY, BILLY, BOB, JIMMY E SUSSY

A conquista da cidadania, entretanto, não trouxe consigo soluções para o problema de marginalização social, enfrentado até hoje por essa parte da população australiana. Uma realidade triste, chocante e pouco debatida, camuflada com crimes contra os Direitos Humanos e racismo.

Felizmente uma posição de sentido contrário se começou a verificar na década de 80 culminando com o então 1º ministro australiano Bob Hawke a devolver o ex-líbris de Uluru (Alice Springs, as rochas encarnadas e multicolores do maior megalito terreno) aos descendentes de seus legítimos donos.

Este progresso, porém, viria a ser, uma vez, impedido quando em 1998, o governo conservador de John Howard fez aprovar uma nova lei sobre o direito à propriedade das terras pelos aborígenes. A nova lei que alegadamente vinha clarificar a situação legal vigente sobre as pretensões dos aborígenes aos títulos de posse de terras do estado, que constituem 50% da área australiana, foi contestada por todos os setores.

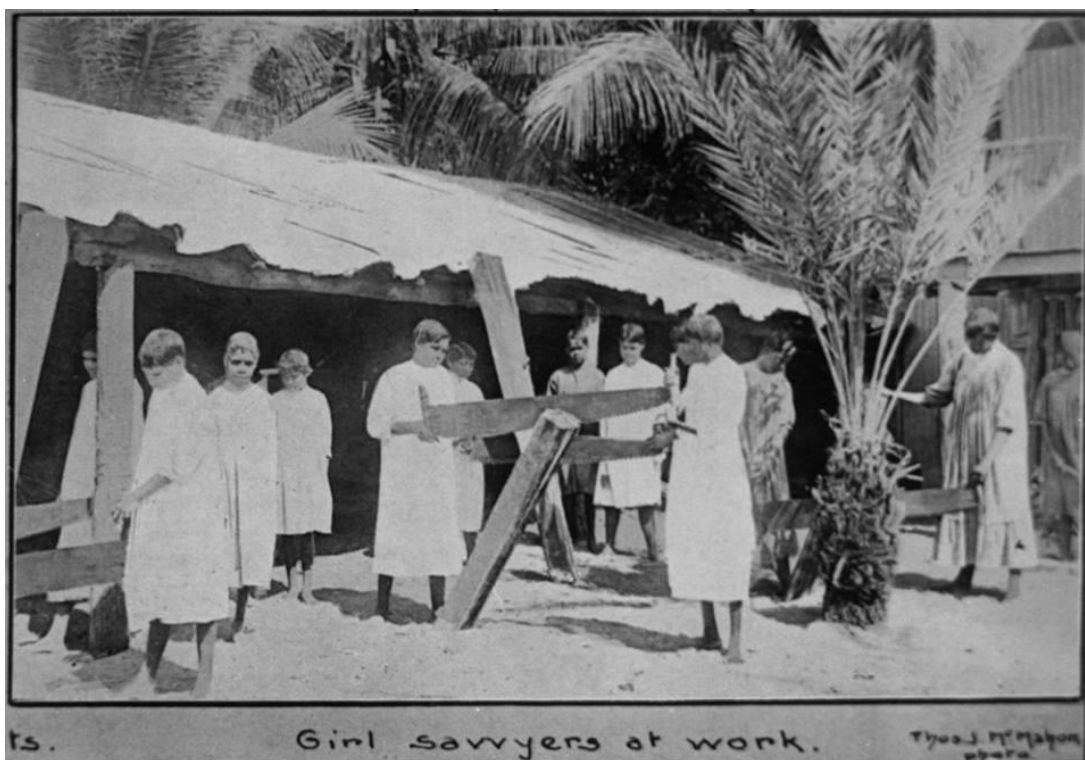


CUMJAM FOI PRESO PELO HOMICÍDIO DO SENHOR FERGUSON DE 60 ANOS QUE TRABALHAVA PARA DONALD MCINTYRE NA ESTAÇÃO MONTANA (NOTÍCIA NO NORMAN CHRONICLE, NORTH QUEENSLAND REGISTER E BRISBANE COURIER 1894-1895)

Os agricultores e mineiros dizem que dá demasiado poder e terra aos aborígenes. Estes alegam que a nova lei é racista, por privilegiar agricultores e mineiros e viola o seu direito à posse de terra que foi ancestralmente deles. Para grande parte da população a nova lei apenas favorece a prosperidade das indústrias agrícolas e mineiras.

11.9. AS MISSÕES

A chegada dos europeus destruiu o *modus vivendi* nativo e sob a capa de um protecionismo, o povo aborígine foi forçado a viver em reservas e em missões religiosas disseminadas pelo território. Assim, o governo tomava posse de novos territórios que posteriormente outorgava para colonos e agricultores. Na maior parte dos casos os aborígenes eram transportados para regiões bem distantes daquelas em que ancestralmente haviam vivido. Todo este processo se repetiu até há poucas décadas atrás. Durante 60 anos, de 1909 a 1969, o país viveu sob a lei da Proteção Aborígine, que fazia parte de uma estratégia de assimilação. Nessa época, os governadores dos estados australianos exerciam total controlo sob a população indígena.



MISSÃO DE MAPOON NA QUEENSLÂNDIA 1916" FOTO: BIBLIOTECA ESTADUAL - STATE LIBRARY OF QUEENSLAND

“Na reserva onde cresci tínhamos um superintendente que tomava conta da região. Os habitantes, como eu, eram chamados de ocupantes. Não podíamos deixar a reserva para ir até a cidade, a não ser que tivéssemos permissão por escrito. Havia locais em que não podíamos entrar por conta da segregação racial”, conta Joan Tranter. Se a polícia os visse num desses locais proibidos, tinham que mostrar a carta de autorização; caso contrário, eram levados para a cadeia.



National Library of Australia

nla.pic-vn4835196-v

CRANÇAS ABORÍGENES NA ESCOLA DA MISSÃO DE MAPOON 1914. BIBLIOTECA ESTADUAL - STATE LIBRARY OF QUEENSLAND

Mais chocantes ainda são as histórias relacionadas à **Geração Perdida**. Sob esse regime, o governo tornava legal a remoção de crianças mistas de suas famílias aborígenes, sem a autorização de seus pais, para que assim pudessem crescer “brancas” e ser educadas em instituições especializadas, rejeitando suas raízes indígenas. Delas era esperado que se tornassem trabalhadores braçais ou serventes. As meninas, em especial, eram enviadas para lares estabelecidos pela administração local para serem treinadas em trabalhos domésticos. A prática de remover crianças continuou até o final da década de 1960, o que significa que até

hoje existem aborígenes de 40 anos ou mais que ainda pertencem à Geração Perdida e jamais reencontraram suas famílias.

Joan Tranter explica que além do trauma da separação, isso significou um enorme vácuo cultural nas comunidades aborígenes, cuja tradição oral é um dos seus pilares. Com as crianças tiradas à força de suas comunidades, não havia para quem repassar o conhecimento e história de seu povo. *“Essa geração roubada não tem ideia da sua história, das suas raízes culturais, de onde vieram. Nas instituições para onde eram levados proibiam-nos de falar as línguas nativas e encorajados a casarem com pessoas brancas”*, diz Tranter.



A FILHA DO PASTOR ECLESIÁSTICO SCHWARZ SENTADA NO MEIO DE CRIANÇAS ABORÍGENES NA MISSÃO DE HOPE VALLEY (SEM DATA)

Em 1990, a Real Comissão Australiana de Direitos Humanos e Igual Oportunidade instaurou um inquérito nacional sobre a prática de remoção das crianças, e o relatório final apresentado no parlamento em maio de 1997. O documento destaca o impacto devastador que a política teve nas crianças e nas suas famílias, alega que muitas das instituições e casas a que as crianças eram enviadas eram bastante cruéis, com o abuso sexual e físico sendo práticas comuns.

“Nós éramos vendidos como mercadorias. Ficávamos todas alinhadas com vestidos brancos e eles vinham e escolhiam uma de nós, como se estivéssemos à venda”, diz uma das testemunhas do relatório. O documento aponta também que essa política tinha por objetivo acabar com a raça aborígine, o que na Lei Internacional é considerado genocídio.

Apesar de muitos arquivos se terem perdido, estima-se que cerca de 100 mil pessoas tenham sido afetadas por essa política. Desde que o relatório foi divulgado, houve inúmeras campanhas exigindo um pedido de perdão oficial do governo. Apesar disso, em 1997, o primeiro-ministro australiano John Howard recusou-se a pedir desculpa às populações indígenas, alegando que as gerações atuais não eram responsáveis pelos erros cometidos por outros no passado, o que causou bastante indignação e polémica.

Somente dez anos depois, sob um novo governo trabalhista, em 13 de fevereiro de 2008, o primeiro-ministro Kevin Rudd pediu perdão em nome do governo. Segundo o editor da revista australiana National Indigenous Times, Stephen Hagan, os australianos sempre negaram a existência de todas as políticas atroz em relação aos aborígenes. *“Muitos políticos prefeririam ter esse debate apagado dos livros de História. O primeiro-ministro Kevin Rudd mostrou muita coragem e compaixão ao pedir perdão nacionalmente”*. Apesar de o pedido ter sido feito, as compensações financeiras esperadas pelas famílias afetadas foram negadas.



11.10. AS INICIAÇÕES E RITOS

Dado que a iniciação era parte integral da religião que fundamentalmente unia os aborígenes à terra, e atendendo a que depois da chegada dos europeus elas rapidamente se extinguíram, conforme explicitamos em crónica anterior, este facto levou à extinção da cultura tradicional nativa.

A última cerimónia de iniciação teve lugar na década de 30 e dos presentes a essa cerimónia apenas cinco sobreviviam em 1985 para terem então a oportunidade de narrar o que se passara. Atualmente com as novas leis de proteção da cultura aborígene tenta-se a preservação dos locais sagrados e o revivalismo dessas cerimónias, do seu significado, e importância para a comunidade nativa.

O dilema de sobrevivência cultural de um povo a quem retiraram os elos de ligação com a sua cultura tradicional teve um enorme impacto. Deveriam eles abandonar o remanescente dos seus hábitos e adotar a cultura e educação dos brancos? Ou deveriam tentar manter acesa a chama do pouco que restava na esperança de um dia a poderem fazer ressurgir? A resposta foi uma longa época à deriva que ainda hoje manifesta os seus efeitos, embora felizmente já muitos dos aborígenes se sintam conscientes das suas origens, identidade e futuro.

Ao proporcionar à herança cultural aborígene um lugar na sociedade contemporânea e uma visão alternativa do mundo que a não excluía, protegendo os locais sagrados, devolvendo a titularidade da posse das terras às tribos que as reclamam, proporcionando uma interpretação dos seus hábitos e costumes, as organizações federais encarregues de fazerem o levantamento dos locais sagrados tentam criar um clima conducente a uma melhor compreensão dos aborígenes como o único grupo étnico nativo do continente, mas integrante desta Austrália Multicultural.

Desde que estes programas de pesquisa e levantamento se iniciaram em 1973, vários têm sido os livros publicados, filmes e slides, os quais, lentamente vão repondo a história tradicional dos ocupantes primeiros deste continente-ilha.

Por outro lado, várias organizações foram surgindo financiadas com fundos do governo federal de Camberra que visam representar a cultura e o povo aborígenes na sociedade atual desde o mercado de trabalho (onde representam uma fração bem pequena quando comparada com os pouco mais de 1% de representatividade na totalidade da população australiana) a todos os outros quadrantes da vida.

Importante realçar ainda que o significado dos locais sagrados e outros relevantes para os aborígenes inclui a seguinte conceptualização:

SIGNIFICADO TRADICIONAL	SIGNIFICADO HISTÓRICO (PÓS EUROPEU)	SIGNIFICADO CONTEMPORÂNEO
LOCAIS DE ENTERRO ÁREAS DE RITOS E CERIMÓNIAS	MISSÕES E RESERVAS LOCAIS DE MASSACRES (GENOCÍDIO) ÁREAS DE RITOS E CERIMÓNIAS	PINTURAS E GRAVURAS EM ROCHA LOCAIS DE ENTERRO ÁREAS DE RITOS E CERIMÓNIAS PEDREIRAS DE OCRE AGRUPAMENTO DE ROCHAS ÁRVORES TRABALHADAS DEPÓSITOS DE CONCHAS DE MOLUSCOS

11.11. NO FINAL DO SÉCULO XX SURTIU UM NOVO IDIOMA QUANDO OUTROS ESTÃO EXTINTOS

Um novo idioma foi descoberto num vilarejo remoto do norte da Austrália, habitado por apenas 700 pessoas. A nova língua se chama *Warlpiri rampaku*, ou *Warlpiri rápido*, e é falada exclusivamente por menores de 35 anos em Lajamanu, que fica no Território do Norte.

Apesar de ser composto em sua maior parte por estruturas gramaticais e palavras de outros idiomas, a linguista da Universidade de Michigan Carmel O'Shannessy, que descobriu a língua nova, diz que "*nos encontramos frente a um novo sistema linguístico, porque aqui se juntam estes elementos de uma forma muito sistemática e tradicional*".

“... (O idioma) tem estruturas gramaticais inovadoras que são próprias dele”, afirmou a linguista americana à BBC Mundo.

Mesmo que todos os integrantes da comunidade de Lajamanu falem a língua aborígine Warlpiri - idioma que compartilham com outras 4 mil pessoas de várias comunidades australianas - o inglês e o crioulo (idioma que mistura o Warlpiri e o inglês), a metade da população do local fala o Warlpiri rápido, inclusive como primeiro idioma.

De certo modo, este novo sistema linguístico pode ser comparado com a linguagem utilizada por adolescentes em qualquer parte do mundo, que criam seus próprios códigos incompreensíveis para adultos.

Mas, a grande diferença apontada por O’Shannessy é que “nestas situações (linguajar criado por jovens), quando os jovens crescem, voltam a falar como o resto das pessoas. Aqui (no caso australiano), continuam falando da mesma forma e a geração seguinte de crianças fala assim desde bebê.”

A linguista afirma que o nascimento deste novo idioma provavelmente ocorreu pelo fato de que, “nos anos 70 ou 80 os pais falavam com seus filhos misturando os idiomas e usaram este padrão para falar com eles de forma consistente. Para as pessoas bilíngues é muito comum passar de uma língua para outra no meio de uma conversa”.

Então, segundo O’Shannessy, “*quando os filhos começaram a falar, o fizeram seguindo o mesmo padrão*” e esta se transformou na forma de falar dos mais jovens. Apesar de não acontecer com frequência, o surgimento de um novo sistema linguístico pode ser mais comum do que se pensa.

“Acho que ocorre com mais frequência do que ficamos sabendo. O problema é que se não há um linguista para observar, não percebemos, mas é mais provável que apareça em comunidades onde há muitas pessoas multilíngues e uma população jovem interagindo”, afirmou O’Shannessy.

Antes do início da colonização britânica da Austrália, em 1788, existiam no país cerca de 250 línguas aborígenes faladas por aproximadamente um milhão de pessoas. Atualmente, apenas algumas dezenas de idiomas são falados no país.

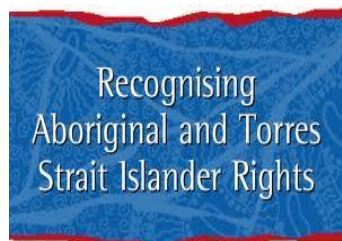
Quanto ao resto dos idiomas falados no mundo, a previsão de especialistas é que metade deles, cerca de 7 mil, será extinta no próximo século. Sendo assim, qual a perspectiva de sobrevivência desta língua recém-nascida?

Para Peter Bakker, professor associado de linguística da Universidade da Dinamarca, especializado no desenvolvimento das linguagens, o futuro do Warlpiri rápido é mais promissor do que do Warlpiri tradicional. “*Quando uma nova língua se desenvolve, ela costuma ficar muito estável, como, por exemplo, acontece com as línguas crioulas como o papiamentu das Antilhas*”, afirmou.

Carmel O'Shannessy afirma "apenas o tempo dirá se o Warlpiri rápido vai sobreviver, principalmente porque os habitantes de Lajamanu estão sendo pressionados para deixarem de usar as duas línguas."³



Impressão de mãos nas rochas.

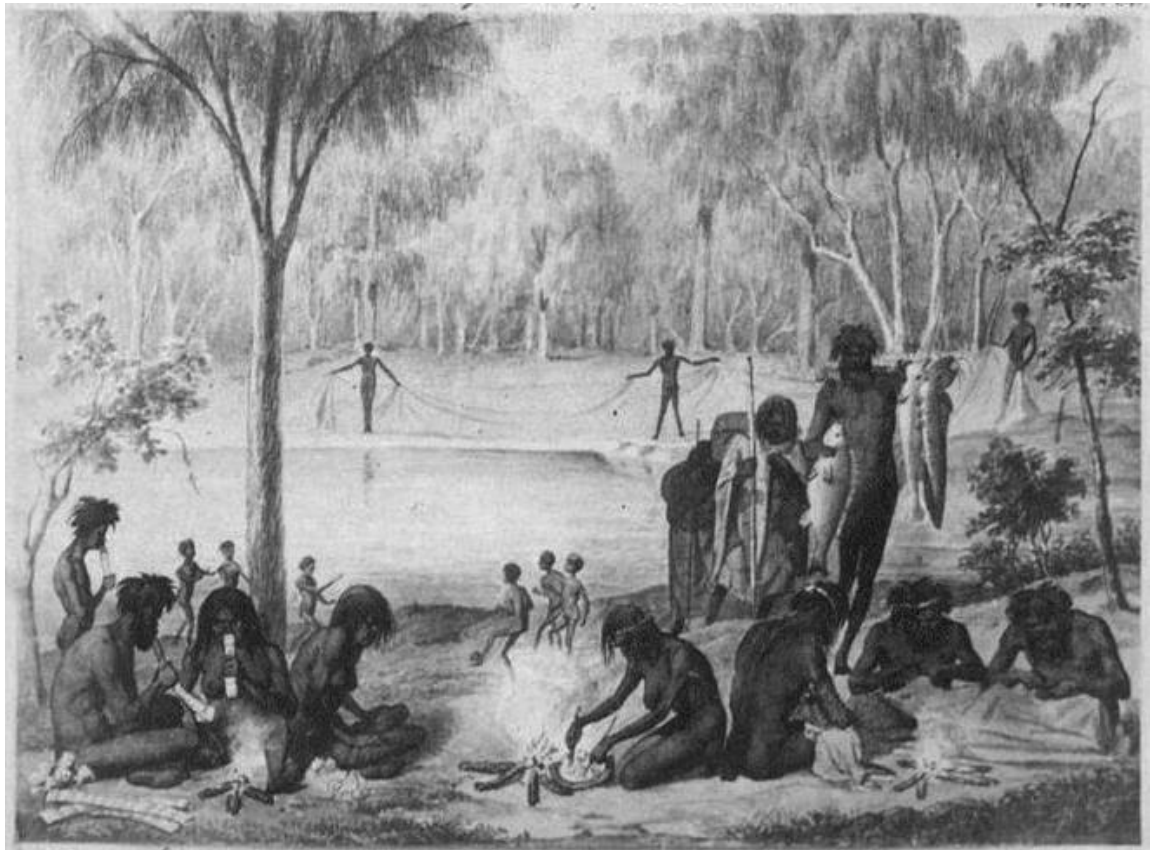


³<http://noticias.terra.com.br/educacao/lingua-recem-nascida-e-descoberta-na-australia.5ad4071c143ff310VqnVCM20000099cceb0aRCRD.html>





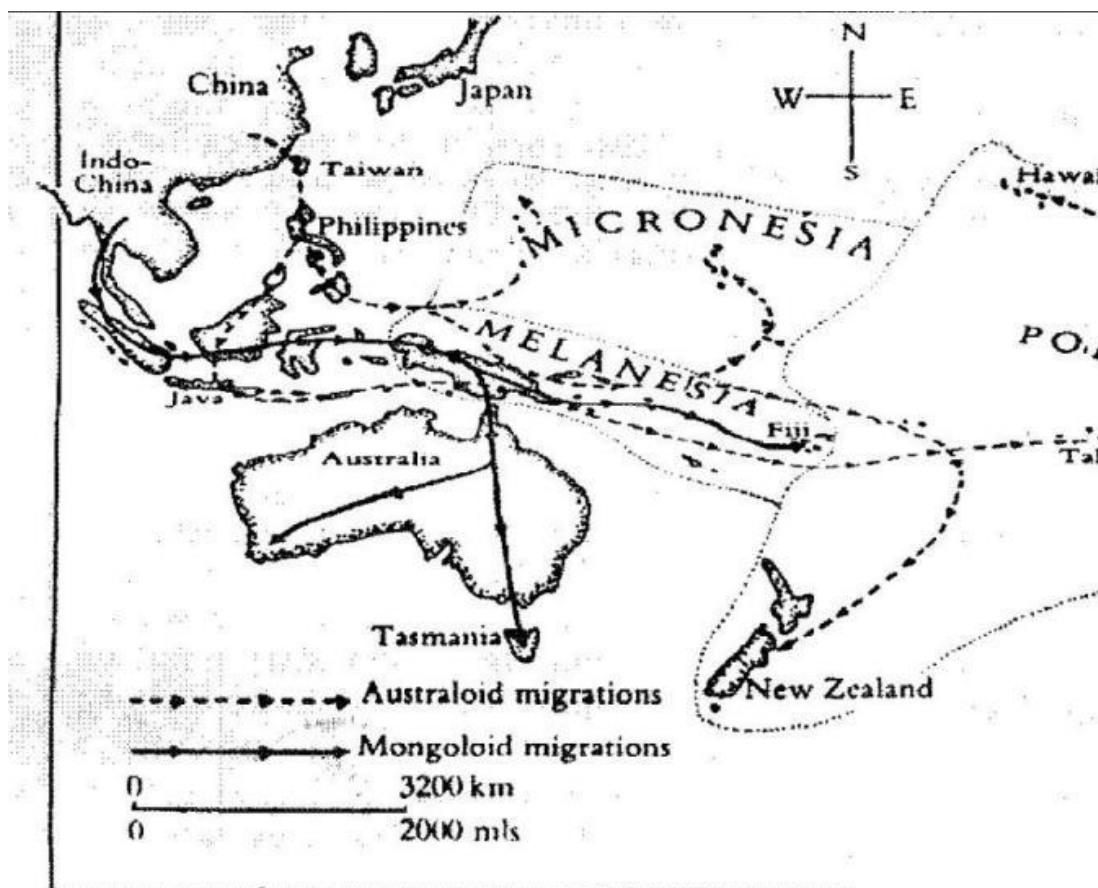
COM A CHEGADA DO HOMEM BRANCO O ÁLCOOL SUBSTITUIU A DOENÇA E SERVIU PARA ANIQUILAR OS ABORÍGENES



CRÓNICA XII – ABORÍGENES – PARTE III

2. A AUSTRÁLIA E SUAS COLONIZAÇÕES: DOS ABORÍGENES AOS INGLESES ⁴

A Austrália foi o primeiro continente a ser ocupado por colonos do Velho Mundo: quando a Civilização Cro-Magnon criava as suas maravilhosas reproduções artísticas nas cavernas de França (Lascaux), Portugal (Foz Coa), Espanha (Altamira) cerca de 15 mil anos antes de Cristo, já os aborígenes australianos se haviam estabelecido há pelo menos 25 mil anos (há quem afirme que eles lá estão desde há 40, 60 ou 80 mil anos).



As massas continentais ocupavam então uma área diferente, com a Austrália ainda ligada à Papua (Nova Guiné) e Tasmânia, enquanto as Ilhas de Java, Samatra, Bornéu e Timor faziam parte do continente asiático. A Austrália era então derivada do vasto continente Gondwana que englobava a atual África do Sul.

Assim, parece ser de admitir que os primeiros australianos se limitaram a andar e a atravessar mares por cerca de 30 km no máximo. Nunca saberemos ao certo como

⁴ Publicada originalmente na Revista Nam Van, de Macau, n.º 15 de 1 de agosto de 1985.
Bibliografia: Russel Ward, 'Australia since the coming of man', Lansdowne Press.

os primeiros cá chegaram, se através de jangadas, canoas ou meramente por acidente. Os primeiros habitantes vieram decerto do subcontinente asiático, do atual sudeste asiático, de acordo com idênticos vestígios encontrados nas Filipinas, Indochina, sul da China e Japão.



A CHEGADA DOS EUROPEUS NUMA PINTURA NATIVA

Para os antropólogos todos os territórios desta área eram então ocupados por dois grupos distintos: os Australóides e os Mongoloides, cerca do ano 10 000 a.C. Os Australóides são, provavelmente, geneticamente mais ligados aos Caucasianos do que aos Mongoloides ou Negroides.

Com efeito, os aborígenes de pele tisonada têm uma compleição capilar diferente, que varia do cabelo liso ao encaracolado, mas jamais semelhante aos negros africanos. São descendentes de populações que imigraram milhares de anos antes desde a África em direção ao leste pelo continente asiático. Atualmente, existem apenas cerca de 40 mil aborígenes não mestiços, puros, dos trezentos mil encontrados no começo da colonização da Austrália. Originalmente praticavam religiões animistas própria, mas muitos converteram-se ao cristianismo. Sofreram um grande decréscimo populacional com o início da invasão europeia em 1770, fruto do deliberado genocídio que se seguiu à ocupação branca do continente.

A sociedade branca assumia a privacidade da propriedade que para os aborígenes era comunal ou tribal. Enquanto para a comunidade branca a terra era de quem a possuía e cultivava, para os aborígenes ela era de todos e partilhada igualmente. À data dos primeiros encontros havia pelo menos 600 tribos com uma dimensão média de 500 habitantes cada.

A vida local era baseada na pesca, caça, e na apanha de plantas e insetos de acordo com as leis tribais. A superioridade masculina era parte integrante das regras sociais, sendo a pena de morte instituída para os prevaricadores.

Linguisticamente existiam entre 350 e 750 idiomas distintos, a maior parte deles ininteligíveis para a maioria dos restantes grupos. Hoje extintos, na sua maioria, apenas 20 são falados diariamente e 110 estão em adiantada via de extinção, mas assiste-se desde a década de 1980 ao revivalismo e recuperação de alguns desses idiomas.

Um outro fator curioso para o estudo dos primeiros australianos reside no **Dingo**⁵ uma espécie de cão selvagem cuja origem foi já traçada até pelo menos 6 mil anos antes da nossa era.

DINGO

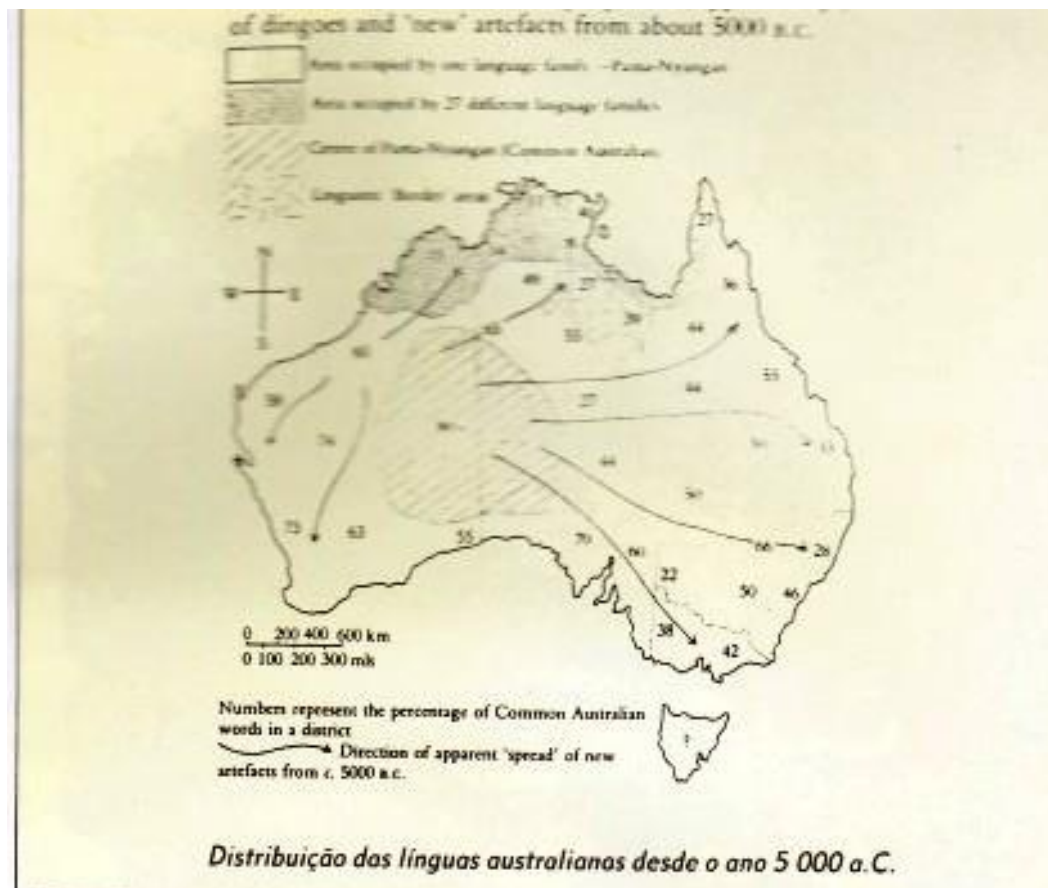


Até há pouco mais de um século, os antropólogos consideravam os aborígenes como selvagens ou primitivos e daí entendermos as dificuldades de comunicação social entre os primeiros colonos e as tribos com que contactavam.

Regiões com população aborígine significativa

Nova Gales do Sul	152 685
Queenslândia	144 885
Austrália Ocidental	70 966
Território do Norte	64 005
Vitória	33 517
Austrália Meridional	28 055
Tasmânia	18 415
Território da Capital	4 282

⁵ O **dingo** (*Canis lupus dingo*) é uma subespécie de lobo, assim como o cão doméstico, originária da Ásia e que se encontra atualmente em estado selvagem na Austrália e sudeste asiático. A origem dos dingos permanece incerta mas crê-se que resultem de uma das primeiras domesticações do lobo. Os dingos pesam entre 10 a 24 kg e apresentam pelo curto e amarelado. Ao contrário dos cães, os dingos só se reproduzem uma vez por ano, não ladram e têm dentes caninos mais desenvolvidos. Os dingos não formam alcateias e vivem ou sozinhos, ou em pequenos grupos familiares.



Hoje em dia, os aborígenes em estado tribal são uma minoria:

- Os **Alajawara (Alajauara)** são cerca de quinhentos. São os únicos aborígenes que enterram os mortos.
- Os **Aranda** também são poucas centenas; deixaram a caça e dedicam-se à pecuária, no deserto de Gibson, vive um povo com o mesmo nome, de apenas trezentos membros.
- Outro povo pequeno é o **Gurundji**, com duzentos e cinquenta indivíduos. Alguns são cristãos e há expressões da Bíblia Cristã na sua língua.
- De população igualmente escassa, os **Mudbara** trabalham nas reservas do governo na região ocidental do deserto; também são cristãos.
- Já os **Pitjantara** trabalham nas reservas governamentais na região central. São vários milhares de indivíduos, e alguns são cristãos.
- Os **Pintupi (Pintubi)** também são trabalhadores assalariados; vivem em reservas e trabalham para proprietários brancos na criação de gado.
- Os **Warlpiri (Ualpiri)** totalizam trezentos membros; vivem no centro do país; trabalham para o governo ou para criadores de gado.
- Os **warramunga (Uarramunga)** também abandonaram o nomadismo para fazerem trabalhos remunerados; são várias centenas.
- No centro do país, vivem cerca de mil e quinhentos **Warlpiri (Ualpiri)**; uns mantêm tradições milenares, outros trabalham em granjas, como os **Mardu**, que, todavia, são menos numerosos.